

## A IMPORTÂNCIA DA INFERÊNCIA PARA A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL NO TRABALHO COM O GÊNERO *TIRA*

Autora: Manoela de Santana e Silva<sup>1</sup>

Universidade de Pernambuco – UPE Campus Mata Norte [manusantana12@hotmail.com](mailto:manusantana12@hotmail.com)

**RESUMO** Considerando a tira um gênero textual muito frequente no dia a dia, inclusive no ensino, pretendemos destacar alguns subsídios que contribuí no processo interpretativo, visto que é um gênero que requer do leitor um conhecimento para além do linguístico. Neste contexto, nós objetivamos demonstrar a relevância da inferência na atividade de interpretação textual, com enfoque, especificamente, no gênero *tira*. Assim, analisamos 2 atividades propostas, que envolvem o gênero acima citado, em um livro didático do 8º ano da Editora Construir, observando se a proposição sugerida no livro instiga o aluno a inferir ou a apenas decodificar. Dessa forma, nosso trabalho pode proporcionar uma reflexão aos estudiosos e professores da área, que podem refletir sobre a elaboração e aplicação de atividades de interpretação envolvendo o gênero textual *tira*. Para tanto, baseamo-nos na teoria de Bakhtin, Marcuschi, Coscarelli, dentre outros que estudam os gêneros textuais e o processo inferencial, bem como destacam a importância e funcionalidade de ambos para o aperfeiçoamento da interpretação textual no ensino-aprendizagem.

**Palavras-Chave:** Interpretação Textual; Tira e Inferência.

### 1 INTRODUÇÃO

Presentes em jornais, revistas e, atualmente, nas redes sociais, as tirinhas desde há muito tempo tem espaço garantido nos mais diversos meios de comunicação. Mais recentemente, elas têm obtido espaço também nos livros didáticos, tornando presente esse gênero textual nas salas de aula. O caráter geralmente humorístico, as imagens atreladas aos diálogos e a linguagem acessível podem ser alguns dos motivos de por que as tirinhas atraem tantos leitores.

Sua utilização em sala de aula também é de grande importância: ao mesmo tempo em que suas características acima abordadas promovem o interesse da leitura nos alunos, é possível trabalhar a linguagem de forma geral e a interpretação não apenas de texto, mas também a leitura de imagens. Porém, observa-se que a interpretação desse gênero por parte dos alunos é, ainda, muito falha, visto que muitos não têm o hábito de fazer inferências no momento da leitura, o que acaba causando uma interpretação malsucedida. Muitas vezes, o

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda em nível de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade de Pernambuco - UPE

próprio livro didático não estimula no aluno a capacidade inferencial, pedindo que os estudantes apenas apontem o óbvio após a leitura.

Foi pensando nesses problemas que desenvolvemos nossa pesquisa, analisando algumas atividades propostas por um livro do 8º ano do Ensino Fundamental da Editora Construir, apontando possíveis falhas e acertos no uso das tiras em suas atividades. Nosso critério de avaliação baseou-se, principalmente, no foco do nosso estudo: se as atividades propostas com tiras exigem do aluno a inferência para a compreensão, pois entendemos a inferência como uma habilidade cognitiva fundamental para a atividade de interpretação textual.

Como sugere os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Matriz de Referência do ensino fundamental, o ensino de Língua Portuguesa deve ser baseado em textos levando o aluno a inferir sobre informações implícitas e dar sentido a palavras e expressões nos textos. Portanto, reconhece-se a importância da inferência para a interpretação textual, já que o ensino de Língua Portuguesa tem o texto como suporte, sendo este inserido em um determinado gênero.

Com base nisto, desenvolvemos uma pesquisa de cunho qualitativo, demonstrando a importância da inferência no processo interpretativo e da utilização de tiras em sala de aula muito além de uma simples interpretação superficial, mas buscando observar elementos implícitos importantes ao sentido delas.

## **2 REFLEXÕES DA INFERÊNCIA COMO SUPORTE PARA A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL**

Como sabemos, a interpretação textual vai além da simples leitura e decodificação das informações explícitas no texto. Por isso, interpretar textos não é uma atividade fácil, pois exige do aluno conhecimento linguístico, mas, sobretudo, conhecimento de mundo (extralinguístico), visto que cada gênero textual possui sua característica e contempla contextos e situações diversas. Porém, como pontua Coscarelli (2009):

Não precisamos conhecer todos os gêneros textuais. Há gêneros para ler e gêneros para escrever, para ouvir, para falar. A maioria das pessoas não precisa saber escrever bula de remédio, mas a maioria delas precisa saber ler bulas. Precisamos saber onde encontrar as informações de que precisamos.

Portanto, devemos saber reconhecer as características, as funções e a finalidade de cada texto, visto que há uma ampla e diversificada série de gêneros textuais, os quais se constituem de recursos linguísticos/gramaticais, semióticos, históricos, culturais, políticos, ideológicos e estruturais.

Para Bakhtin (1997), os gêneros textuais se dividem em *primários* e *secundários*. Os primários são considerados mais fáceis e espontâneos, como os gêneros *bilhete*, *carta* e *conversa*, ou seja, são os textos utilizados informalmente. Os secundários, por sua vez, são mais complexos, estando relacionados aos campos científico, institucional e artístico, como as resenhas, os artigos científicos, os romances, entre outros, constituídos por uma linguagem formal.

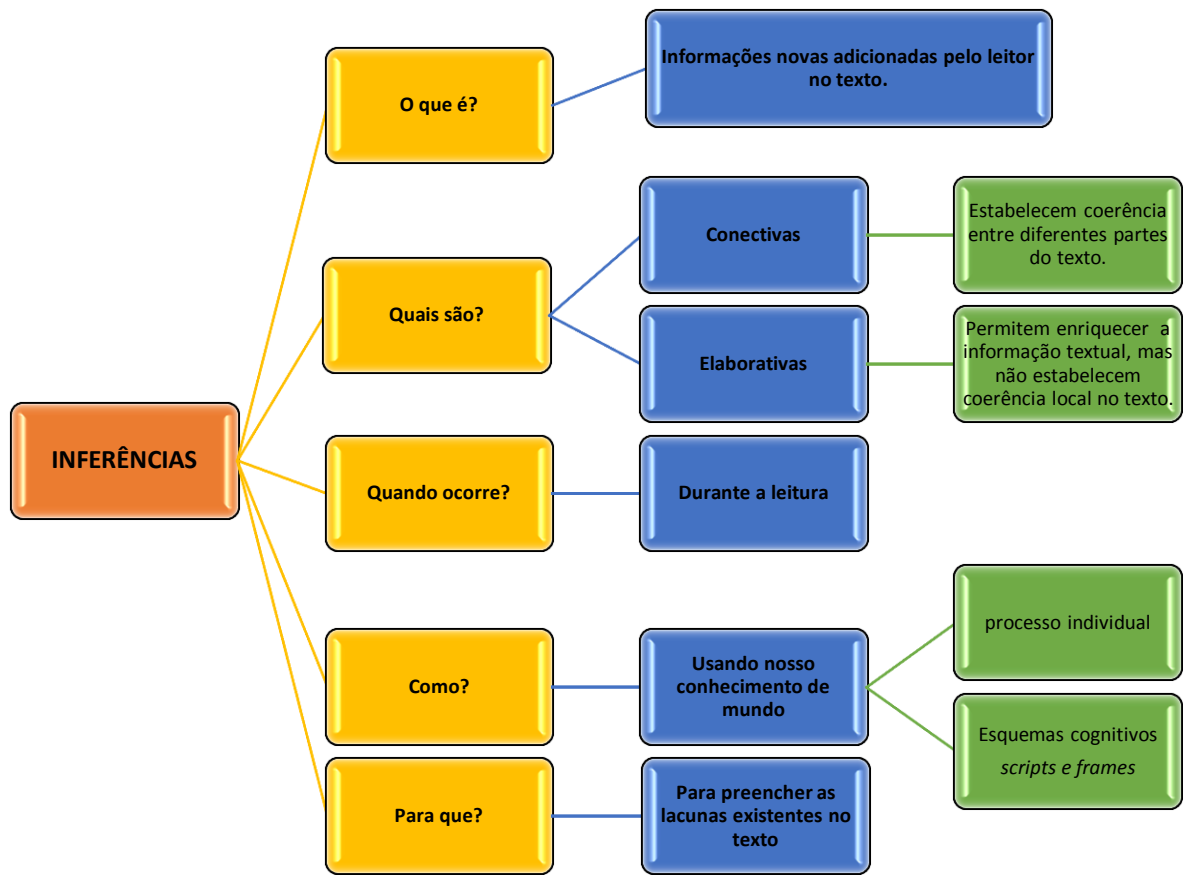
Quando os PCN's<sup>2</sup> propõem que o texto seja a base para os estudos de Língua Portuguesa, isto não significa exigir que o aluno saiba escrever todos os gêneros discursivos, mesmo porque, como vimos no excerto acima, há gêneros que, possivelmente, jamais teremos que elaborar qualquer escrito. O que se quer dizer, na verdade, é que os textos devem servir como subsídio para o ensino de língua e de forma contextualizada, praticando, por meio deles, conceitos gramaticais, compreendendo recursos linguísticos e semióticos, interpretando e construindo sentidos, etc. Essas duas últimas atividades (interpretação e construção de sentidos) dependem do desempenho ativo do aluno, já que determinados textos nem sempre trazem expostos todas as informações, sendo necessário que o aluno leia nas entrelinhas do texto. Para isso, a Matriz de referência<sup>3</sup> recomenda que o aluno, ao fazer as atividades propostas, seja estimulado a localizar informações implícitas nos textos através do processo inferencial.

A inferência é uma habilidade cognitiva que permite ao aluno acrescentar informações ao texto, atribuindo-lhe coerência e sentido. Partindo das reflexões de inferências propostas por Coscarelli (2002), é possível entender o que são, quais, quando, como e por que as inferências são feitas. Observemos o esquema abaixo:

---

<sup>2</sup> Parâmetro Curricular Nacional.

<sup>3</sup> As matrizes de Língua Portuguesa da Prova Brasil e do Saeb estão estruturadas em duas dimensões. Na primeira dimensão, que é "objeto do conhecimento", foram elencados seis tópicos, relacionados a habilidades desenvolvidas pelos estudantes. A segunda dimensão da matriz de Língua Portuguesa refere-se às "competências" desenvolvidas pelos estudantes. E dentro dessa perspectiva, foram elaborados descritores específicos para cada um dos seis tópicos descritos anteriormente, diferentes para cada uma das séries avaliadas.



Esquema montado com base nos conceitos de Coscarelli (2002). Grifo meu.

Em suma, a inferência é um fator essencial não só para a interpretação, mas também no processo interacional, visto que ela pode surgir na interação leitor-interlocutor por meio do texto escrito ou oral. Como pudemos perceber no esquema acima, a inferência ocorre durante a leitura, podendo ser automaticamente (conectiva) ou não automaticamente (elaborativa), por meio do processo cognitivo e do conhecimento de mundo adquirido ao longo do tempo, em que se encontram armazenados os esquemas mentais (LEFFA, 1996) *scripts, frames*, recursos que facilitam o entendimento de determinadas situações que não se encontram descritas no texto. Quanto a isso, Coscarelli (2003) enfatiza que:

Nenhum texto traz todas as informações de que o leitor precisa para compreendê-lo. É preciso que o leitor o complete com informações que não estão explícitas nele. Sendo assim, o bom leitor é aquele capaz de construir uma representação mental do significado do texto, estabelecendo as relações entre as partes deste, e de relacioná-lo com conhecimentos previamente adquiridos.

Vê-se, portanto, que o processo interpretativo exige do leitor um acréscimo de informações às que já foram postas no texto, viabilizando um tipo de conexão em que é possível preencher a lacuna deixada pelo interlocutor. Assim, a inferência é um recurso indispensável para a interpretação textual.

### **3 O GÊNERO TEXTUAL *TIRA* : ANÁLISE, DISCUSSÃO E RESULTADOS**

A tira, a charge e os cartuns compartilham de um elemento em comum: a linguagem dos quadrinhos. Baseado nisso, Ramos (2009) pontua que, por terem característica similar quanto à estruturação textual, estão agregados ao hipergênero *quadrinhos*: embora possuam uma similaridade, são gêneros autônomos.

O gênero textual *tira* recebe uma pluralidade de termos, inclusive muitos se referem a esse gênero como *tirinha*. Com base em uma pesquisa virtual de expressões relacionadas às tiras, feita por Ramos (2013), esse gênero ganha especificações, tais como: tira cômica, tira de humor, tira de jornal, tira de quadrinhos, tira diária, entre outros. Partindo desse contexto, podemos destacar que tais expressões tem relação com o estilo (cômico/humorístico), com o local de articulação (jornais/revistas) e com a frequência (todo dia) em que as tiras são contempladas.

Segundo Marcuschi *Apud* Dionísio (2005), a estrutura do gênero *tira* pode ser *sequencial* ou *fechada*, sendo esta última subdividida em: a) Tiras-piada, em que o humor é obtido por meio das possibilidades de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável; e b) tiras-episódio, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens.

A tira é um texto curto e de caráter sintético (MARCUSCHI, 2008), o qual proporciona uma leitura prazerosa e não cansativa. Isto não significa que a compreensão e a assimilação das informações sejam fáceis, sobretudo porque muitas vezes as tiras englobam assuntos da atualidade, necessitando que o leitor esteja a par de informações de conhecimento geral. Como destaca Mendonça (2005), “Quanto às temáticas, algumas tiras também satirizam aspectos econômicos e políticos do país, embora não sejam tão ‘datadas’ como a charge”. Portanto, para interpretar o gênero *tira* o leitor deve estar informado e possuir um conhecimento prévio de determinados acontecimentos, sejam estes no âmbito social, político, econômico ou educacional.

Vale destacar também que o gênero *tira* é composto pela modalidade verbal escrita e visual, valendo-se de recursos linguísticos e semióticos que, juntos, estabelecem relações coesivas no sequenciamento dos quadros. É, portanto, a partir da soma e da articulação dos recursos multimodais que o aluno consegue produzir sentidos, estando ele fazendo o papel de leitor ativo que, no momento da leitura, ativa seus conhecimentos linguísticos e de mundo para inferir.

Como dissemos anteriormente, adquirir as habilidades necessárias para uma completa compreensão não é fácil, mas é completamente possível e necessário. Os diversos recursos pedagógicos existentes hoje auxiliam nessa tarefa, sendo um deles os livros didáticos, que trazem prontas atividades com tiras bem como a contextualização de determinado assunto utilizando esse gênero. Alguns desses recursos, porém, às vezes são insatisfatórios, pois não exploram as tiras o suficiente para que o aluno vá além do que está explícito. Com o fim de mostrar que qualidades são essas e o que é necessário para que o aluno tenha êxito na interpretação textual, analisaremos a seguir 2 atividades, apontando qualidades e déficits presentes nelas. Essas atividades foram retiradas do livro *Língua Portuguesa em Contexto*, da Editora Construir, edição de 2015.

A primeira atividade que analisaremos está presente na página 22. Observemos o que diz e o que requer do aluno.



1. O que Silvestre queria denunciar?
2. Quem era a suposta vítima?
3. Quem o estaria explorando?
4. Qual foi a atitude do delegado ao receber a denúncia?
5. Qual é o estatuto que Silvestre critica no último quadrinho?

A atividade sugerida após a tira ora pede que o aluno apenas reproduza uma informação dada ora exige dele tanto conhecimento de mundo quanto a capacidade de inferir sobre a tira. Vejamos uma por uma. A primeira pergunta, “O que Silvestre queria denunciar?”, tem uma resposta óbvia e de alcance lógico: Um caso de exploração. Essa resposta é facilmente resgatada na leitura do quadrinho, que deixa claro qual o motivo da ligação. A segunda pergunta, “Quem era a suposta vítima?”, já exige uma outra leitura por

parte do aluno, que pode compreender o sentido por meio da imagem. Se é um menino arrumando um quarto que está ligando para fazer a denúncia de exploração, podemos inferir que ele mesmo é o dito menino. Assim, além do recurso textual, a pergunta faz com que o aluno leia a imagem e a associe com o conteúdo do texto. Consideramos este um bom uso da tira, uma vez que explora um elemento de grande importância desse gênero: as imagens. Sem elas, possivelmente não saberíamos responder à indagação, pois não há nenhuma pista explícita que nos mostre quem é a “vítima”.

A terceira pergunta, “Quem o estaria explorando?”, faz com que o aluno também precise inferir, já que a informação mais uma vez está implícita, de modo que apenas ativando a capacidade inferencial chegamos à conclusão que de provávelmente os pais dele “o exploram”. A pergunta de número 4, “Qual foi a atitude do delegado ao receber a denúncia?”, exige conhecimento de mundo do aluno, para que ele saiba interpretar como palavrões e insultos os símbolos \*#@\*#%!@!!#\*, chegando à conclusão de que o delegado se aborreceu. Por fim, em “Qual é o estatuto que Silvestre critica no último quadrinho?”, é necessário que, novamente, o conhecimento de mundo do aluno seja ativado, para que ele responda corretamente que se trata do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Agora, analisemos uma por uma as questões da atividade extraída da página 77.

Leia a tirinha:



1. Por que, para as crianças, a aula de português não é boa?
2. Explique como se realiza o humor da tirinha.
3. Considerando o sentido, o que aconteceria se, na fala de Luzia, excluíssemos os termos **maior, de português, a professora e linguística**?
4. Qual é a função desempenhada por esses termos?

A atividade dessa tirinha, apesar de deixar margem para uma boa discussão acerca de temas importantes no ensino de língua materna, pouco pede do aluno inferências sobre o conteúdo da tira. Na primeira pergunta, “Por que, para as crianças, a aula de português não é boa?”, temos a mesma estrutura da primeira pergunta da tirinha anterior: a resposta é facilmente extraída do próprio texto (Porque a professora não conhece a noção de variação

linguística). Ou seja, ela ensina o conteúdo com base na gramática normativa, que trabalha apenas com avaliações de certo ou errado, sem considerar as regras de uso dos falantes.

A segunda atividade pede para que o aluno explique como se realiza o humor da tirinha. Nessa, o aluno precisa observar que este se realiza no último quadrinho, quando Coxinha observa que nunca viu o professor de Ciências dizendo que o cheiro da jaca é certo ou que é errado o caranguejo andar para os lados. Tanto o cheiro da jaca quanto a forma de se locomover dos caranguejos são fatos reais, independentemente da nossa opinião sobre eles. O terceiro questionamento serve de introdução para o quarto: “Considerando o sentido, o que aconteceria se, na fala de Luzia, excluíssemos os termos *maior, de português, a professora e linguística?*”. Nessa questão, o aluno precisa chegar à conclusão de que a fala de Luzia ficaria com sentido vago, que é necessário um complemento. Esse questionamento bem como a questão que o segue, “Qual a função desempenhada por esses termos?”, exige do aluno conhecimento linguístico, o qual deve responder que a função desses termos é justamente delimitar o sentido dos substantivos aos quais se ligam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) trazem como um dos objetivos da educação utilizar diversas linguagens como meio para produzir, expressar, comunicar e interpretar. Sendo assim, consideramos as tiras, pelos seus diversos elementos verbais, não verbais, pela intertextualidade, pelos implícitos e subentendidos, comumente presentes nas tiras, uma excelente ferramenta para desenvolver no aluno um espírito crítico, observador e atento, fazendo com que ele saiba se posicionar sobre diferentes situações. Isto não só com relação à interpretação de produções desse gênero, mas também dos mais diversos assuntos, pois trabalhar de maneira adequada com tiras pode ajudá-lo a desenvolver as necessárias competências discursivas.

Como já citado, nosso critério de avaliação se baseou na exigência ou não da capacidade inferencial por parte dos estudantes nas atividades. Assim sendo, consideramos que as atividades analisadas poderiam explorar melhor a capacidade cognitiva do aluno, trazendo perguntas que o fizesse refletir não só sobre o óbvio ou elementos linguísticos, mas também fazendo-o pensar qual o sentido das tiras, qual sua utilidade, o que ela quis passar para seu leitor, qual sua relação com o tema, o que o nome de cada personagem e suas características (cor de cabelos, roupa) nos diz sobre o texto, entre outras indagações importantes para desenvolver no aluno a capacidade reflexiva e, por sua vez, a capacidade de



inferir sobre as informações extratextuais. Dessa forma, é indispensável que o professor esteja atento a esses déficits muitas vezes deixados pelos livros didáticos e que os complemente com indagações que motivem o aluno a inferir, a ler os indícios e as pistas deixadas no texto, fazendo do aluno mais que um leitor, mas também um analista de texto.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BRASIL. MEC, **Secretaria de Educação Fundamental**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental. Brasília, 1998.
- COSCARELLI, Carla Viana. **Inferência: o que é isso?**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Reflexões sobre as inferências**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE LINGÜÍSTICA APLICADA. Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 2002. 1CD-ROM.
- \_\_\_\_\_. **A produção de gêneros textuais**. Veredas online Ensino. 2, 2007. Disponível em: [www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo051.pdf](http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo051.pdf). Acesso em: 10 de novembro de 2016.
- LEFFA, Vilson José. **Aspectos da leitura**. Uma perspectiva psicolinguística. Porto Alegre: Sagra DC Luzzatto, 1996.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008. (Coleção Educação Linguística, v. 2).
- \_\_\_\_\_. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. IN DIONÍSIO, Â. et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MENDONÇA, Sandra Freitas. **O trabalho com história em quadrinhos**. 6º ed. São Paulo: Ática, 2005.
- RAMOS, Paulo. **Tira ou tirinha?** Um gênero com nome relativamente instável. Estudos Linguísticos. São Paulo: 2013.
- \_\_\_\_\_. **Estratégias de referenciação em textos multimodais: Uma aplicação em tiras cômicas**. Linguagem em (dis)curso. Santa Catarina: 2012.